

**ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR E SENSIBILIDADE INTERCULTURAL:
contributos da geração ERASMUS para a psicologia e comunicação intercultural**

Tânia Santos Marques¹

Maria Natália Ramos²

Resumo: A interação com indivíduos de outras culturas pode contribuir para a mudança de atitudes etnocêntricas, e o contacto entre grupos pode fortalecer as relações intergrupais. Ambos podem favorecer também o desenvolvimento da sensibilidade intercultural, que se refere à dimensão afetiva da competência de comunicação intercultural. A investigação levada a cabo no presente trabalho teve como objetivo analisar o nível de sensibilidade intercultural em estudantes do ensino superior português e conhecer eventuais variáveis moderadoras do desenvolvimento da sensibilidade intercultural. Para este efeito, realizou-se um estudo exploratório e quantitativo com uma amostra de 97 estudantes do ensino superior. Os resultados evidenciaram níveis de sensibilidade intercultural médio-altos. Esta pesquisa corrobora a presença das variáveis em estudo, nomeadamente as relativas à participação em Erasmus, ao contacto prévio com diferentes países e culturas, ao género, ao grau académico, à educação cultural e à intencionalidade da exposição a outros países e culturas. Os resultados do estudo empírico reforçam as perspetivas teórico-conceituais, isto é, que a sensibilidade intercultural é um elemento básico de demonstração de interesse, empatia, respeito e motivação pelo outro culturalmente distinto e que os contactos e interações, mesmo que indiretos, com outras culturas podem também ser palcos para uma comunicação intercultural eficaz e exercer uma influência positiva na experiência intercultural dos estudantes.

Palavras-chave: Estudantes do Ensino Superior. Geração Erasmus. Sensibilidade Intercultural. Comunicação Intercultural.

**HIGHER EDUCATION STUDENTS AND INTERCULTURAL SENSITIVITY:
contributions of the ERASMUS generation to the psychology and intercultural
communication**

Abstract: Interaction with individuals from other cultures can contribute to changing ethnocentric attitudes, and contact between groups can strengthen intergroup relations. It can also foster the development of intercultural sensitivity, which refers to the affective dimension of intercultural communication competence. The research carried out in this study aimed to analyze the level of intercultural sensitivity in Portuguese higher education students and to identify potential moderating variables in the development of intercultural sensitivity. To this end, an exploratory and quantitative study was conducted with a sample of 97 higher education students. The results showed medium-high levels of intercultural sensitivity. This research corroborates the presence of the variables under study, namely those relating to participation in Erasmus, prior contact with different countries and cultures, gender, academic level, cultural education, and the intentionality of exposure to other countries and cultures. The results of the empirical study reinforce the conceptual perspectives, that is, that intercultural sensitivity is a

¹ Instituto Nacional de Administração & Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais/CEMRI - UAb (Portugal) – orcid.org/0000-0001-8991-5247. Email: tania.marques@uab.pt.

² Universidade Aberta & Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais/CEMRI - UAb (Portugal) – orcid.org/0000-0002-8448-1846. E-mail: maria.ramos@uab.pt.

basic element in demonstrating interest, empathy, respect, and motivation for others who are culturally different, and that contacts and interactions, even if indirect, with other cultures can also be stages for effective intercultural communication and exert a positive influence on the intercultural experience of students.

Keywords: Higher Education Students. Erasmus Generation. Intercultural Sensitivity. Intercultural Communication.

Introdução

O aumento da globalização e da mobilidade ao nível nacional e internacional fez aumentar a multi/interculturalidade, os contactos interculturais, a coabitação com a diversidade cultural e as relações interculturais, os fluxos migratórios, o diálogo cultural, bem como alguns conflitos interculturais, particularmente no contexto europeu (RAMOS, 2011, 2013).

O processo migratório e a globalização formam um elo inseparável desde a última metade do século XX e têm-se intensificado. Segundo a Organização Internacional para as Migrações, existiam em 2022 pelo menos 281 milhões de migrantes internacionais, isto é, 3,6% da população mundial, comparativamente com os 272 milhões de imigrantes apurados em 2019 (3,5%) e os 220 milhões (3,2%) em 2010, o que representa um aumento de 23%. A mesma tendência verifica-se em Portugal, onde os estrangeiros quadruplicaram em sete anos (de 2017 a 2024), com cerca de 1,6 milhões registados em dezembro de 2024, segundo dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA, 2025), quando no final de 2017 residiam em Portugal cerca de 422 mil cidadãos estrangeiros. Estes dados mostram que a mobilidade humana é uma das principais forças das circulações globais no século XXI, representando importantes reconfigurações sociais, culturais, políticas e económicas no mundo contemporâneo.

A mobilidade humana que transcende as fronteiras nacionais é, assim, sobretudo uma característica da nossa era e tem consequências significativas, tanto nas sociedades de origem como nas de acolhimento. Segundo Pope (2023), a migração é fundamental para a prosperidade e para o progresso, uma vez que é uma força impulsionadora do desenvolvimento sustentável, tanto dos países de origem como dos países de destino. Para este autor, a mobilidade humana gera riqueza de conhecimentos, de experiências e de competências, uma vez que os novos migrantes criam misturas únicas de culturas e perspetivas, por manterem, muitas vezes, fortes ligações com os seus países de origem, ao mesmo tempo que abraçam novas comunidades e culturas.

A multiculturalidade como uma realidade maioritariamente vivida nas sociedades de acolhimento de imigrantes tem gerado muitas vezes antagonismos de cariz interétnico, inter-religioso e socioeconómico, sobretudo quando estas circunstâncias se sobrepõem a situações de exclusão social, cultural e económica: “O pluralismo cultural não pode ignorar a diversidade e as relações entre os diferentes indivíduos e grupos, sejam estes contactos estruturados ou não, sejam eles cooperativos, conflituosos ou pacíficos” (RAMOS, 2001, p. 156). No entanto, o confronto multicultural não implica a existência de contactos e interações significativas entre as culturas presentes, uma vez que podem coexistir sem que haja lugar a trocas relevantes entre culturas, isto é, sem que se verifique efetivamente uma situação intercultural. Contudo, nenhuma cultura pode ser definida isoladamente, pois é nas relações de oposição e

convergência, com outras formas de representar a realidade, que os sistemas culturais se identificam.

As mobilidades e as novas formas de comunicação fizeram expandir o universo de subculturas e culturas específicas, exacerbando o sentido de diferença, uma vez que observamos as diferenças que as distinguem e tomamos consciência dos processos que lhes são próprios. Neste sentido, e mais recentemente, emerge a preocupação com a importância da identidade diferenciada num mesmo território de populações, com concepções e valores diferentes, e as implicações que esse facto tem na organização social, na comunicação e nos conflitos.

O crescente pluralismo cultural característico da modernidade, resultante em grande medida dos fluxos migratórios, acentua o difícil desafio de integrar a diversidade de culturas dentro de uma mesma sociedade, que se quer assente no respeito pela alteridade. O fenómeno migratório decorrente da era global, que origina tensões e desencadeia mobilidades e processos físicos, psicológicos e comportamentais, e em que o indivíduo não é portador apenas de uma identidade, mas acaba por ter de se familiarizar com várias, pode fragmentar o sentimento de identidade e existência. A tentativa de homogeneização face a mudanças que podem ser geográficas, biológicas, sociais, culturais e linguísticas, uma vez que cada região cria a sua identidade, cultura e história, pode impedir que a relação e percepção diferenciada da singularidade do outro seja pautada pelo respeito, empatia e solidariedade, observando-se algumas expressões de violência, discriminação, competitividade e fragmentação (RAMOS, 2014).

Recordando que vivemos num mundo globalizado e multicultural, a adoção de medidas de integração de todos os cidadãos é fundamental, de forma a assegurar a proteção de garantias e processos eficazes de direitos humanos e a inclusão. Assim, uma sociedade pluralista encontra na diversidade a verdadeira unidade, isto é, a essência da vida humana, na qual o projeto democrático se apresenta como uma forma universal de promover a inclusão, a cidadania e os direitos humanos. As questões sobre a gestão da multiculturalidade e das relações interculturais estão, assim, no centro da preocupação da maioria dos Estados e de muitos organismos nacionais e internacionais e adquirem especial relevo no contexto de um mundo globalizado (RAMOS, 2008, 2013).

A proliferação de novos espaços e formas de convivência, pautados por pluralismo cultural, alterou a forma como comunicamos e nos relacionamos, sendo este atualmente um processo complexo e multidimensional. Nos últimos anos, a crescente livre circulação de pessoas levou diversos estudos a concluir que se introduziram novas categorias sociais e se estruturaram novas formas de mobilidade e novos critérios na análise das fronteiras, cada vez mais maleáveis devido à instabilidade das estruturas sociais e individuais (URRY, 2010). Assim, a *superdiversidade* (VERTOVEC, 2007), que caracteriza a complexidade da *era das migrações* (CASTLES; DE HAAS; MILLER, 2014), e os seus efeitos sobre identidades e dinâmicas sociais, tanto nas sociedades de acolhimento como nas de origem, exigem uma análise holística.

Comunicação intercultural e sensibilidade intercultural

A problemática intercultural está relacionada com o diálogo e a comunicação, com a abertura ao outro, às culturas, às línguas, às relações internacionais, implicando uma abordagem global, multidimensional e multi/interdisciplinar (RAMOS, 2001).

Como refere Ramos (2011), novas formas de integração societal assentes no paradigma intercultural são fundamentais para combater o etnocentrismo, a discriminação e promover a

inclusão, o diálogo, a cidadania e os direitos humanos. Neste contexto desafiante, a comunicação intercultural, enquanto diálogo, interação e troca de informação entre indivíduos que pertencem a culturas diferentes, exige habilidades a múltiplos níveis, de forma a superar barreiras e a promover o interculturalismo.

A educação, o diálogo e a comunicação intercultural representam pilares fundamentais para a convivência social harmoniosa, uma vez que promovem atitudes de respeito, de inclusão e de valorização da diversidade. Neste sentido, o espaço educacional desempenha um papel fundamental na construção de ambientes mais tolerantes, na diminuição de conflitos culturais e no fortalecimento das relações interpessoais, o que contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para os desafios do século XXI. A adoção destas práticas interculturais perante a crescente diversidade cultural e as novas formas de organização social implica habilidades nos relacionamentos interpessoais, nomeadamente ao nível de competências de comunicação intercultural (RAMOS, 2007, 2023). A proposta de uma comunicação intercultural eficaz e clara, com realce para as questões éticas e de sensibilidade intercultural nos relacionamentos com o outro, aumenta o sentimento de inclusão e de bem-estar individual e coletivo, respeitando identidades e culturas distintas, incentivando o reconhecimento e o respeito pelas diferenças culturais. Numerosos estudos têm destacado a importância da sensibilidade intercultural como uma competência-chave em sociedades complexas e multiculturais, nomeadamente nas escolas.

A sensibilidade intercultural enquanto competência significativa e como necessidade de sobrevivência no mundo contemporâneo foi descrita no *Modelo de Competências de Comunicação Intercultural* de Chen e Starosta (1996), em virtude do acentuado desenvolvimento das tecnologias de comunicação, do aumento da globalização, da crescente migração populacional, do multiculturalismo e das diferenças étnicas e de género presentes nomeadamente na América do Norte. Segundo Chen e Starosta (1996, 1997, 2000, 2005), a comunicação intercultural, enquanto processo de mediação das diferenças culturais e como capacidade de interagir de forma eficaz, adequada e significativa em diferentes culturas, implica, enquanto competência, a habilidade para se estar consciente de como estas diferenças influenciam o processo de comunicação e de aproximação ao outro, possibilitando desta forma não só a interação harmoniosa entre pares, como uma cultura de inclusão em Estados multiétnicos.

Para estes autores, o *Modelo de Competências de Comunicação Intercultural* (1996) é composto por três dimensões, consideradas separadamente, mas interligadas: a sensibilidade intercultural (dimensão afetiva), a consciência intercultural (dimensão cognitiva) e a habilidade intercultural (dimensão comportamental). A ênfase dada à sensibilidade intercultural, enquanto “desejo que motiva as pessoas a conhecer, compreender, apreciar e aceitar as diferenças entre culturas” (CHEN; STAROSTA, 1997, p. 5), verifica-se através da dimensão afetiva da competência de comunicação intercultural e da promoção de atitudes positivas, antes, durante e depois do encontro intercultural, facilitando o desenvolvimento de atitudes baseadas no respeito pela diversidade. Para estes autores, a sensibilidade intercultural representa a capacidade de um indivíduo conseguir distinguir entre os diferentes comportamentos, percepções e sentimentos de uma contraparte culturalmente diferente e ter a capacidade de os apreciar e respeitar também. Por outro lado, a consciência intercultural representa o processo cognitivo pelo qual um indivíduo consegue descentrar-se da sua própria cultura para integrar outras. Por

fim, a habilidade intercultural representa a capacidade de atingir os objetivos de comunicação em interações interculturais.

Para medir a sensibilidade intercultural, Chen e Starosta (2000) construíram uma escala composta por 24 itens e cinco dimensões, a saber: 1) envolvimento na interação; 2) respeito pelas diferenças culturais; 3) confiança na interação; 4) satisfação na interação; e 5) atenção na interação. A primeira dimensão – envolvimento na interação – agrupa itens relacionados com os sentimentos do indivíduo relativamente à interação intercultural, *e.g.*, “Gosto de interagir com pessoas de outras culturas”; a segunda dimensão – respeito pelas diferenças culturais – agrupa itens relacionados com a atitude do participante em relação à cultura do outro, *e.g.*, “Respeito a forma como se comportam as pessoas de outras culturas”; a terceira dimensão – confiança na interação – diz respeito à confiança do indivíduo em contextos interculturais, *e.g.*, “Sinto-me confiante quando interajo com pessoas de outras culturas”; a quarta dimensão – satisfação na interação – está relacionada com a reação do indivíduo à comunicação intercultural, *e.g.*, “Sinto-me confiante quando interajo com pessoas de outras culturas”; por fim, a última dimensão – atenção na interação – diz respeito ao esforço do participante em tentar entender a interação, *e.g.*, “Quando estou com pessoas de outras culturas tendo a ser muito observador” (CHEN; STAROSTA, 2000).

A sensibilidade intercultural reflete o grau de vontade de interagir com pessoas de diferentes culturas e permite a promoção do diálogo entre as culturas e a coesão social no mundo diverso e globalizado (PERRY; SOUTHWELL, 2011; RAMOS, M., 2014; SUÁREZ-OROZCO; QIN-HILLIAR, 2004).

Os principais trabalhos sobre os fatores que promovem a sensibilidade intercultural mostram que o desenvolvimento desta habilidade está associado a experiências pessoais de imersão ou de contacto com outras culturas e em indivíduos que experienciaram processos migratórios (OLSON; KROEGER, 2001; STRAFFON, 2003; WILLIAMS, 2005; ANDERSON; LAWTON; REXEISEN; HUBBARD, 2006; RUIZ-BERNARDO, 2012). Em linha com estas conclusões, destaca-se, da revisão da literatura, a *hipótese de contacto* proposta por Gordon Allport (1954), que reforça a ideia de que o contacto entre grupos reduz o preconceito intergrupar e aumenta a perceção da semelhança, o que conduz à desconstrução de estereótipos negativos, o que resulta na mudança de comportamentos e atitudes para com esse grupo. Esta *hipótese de contacto* de Allport, que viria a ser desenvolvida mais tarde pelo autor na sua *teoria de contacto*, assenta na ideia de que o processo de categorização e a hostilidade intergrupar socialmente aprendidos estão na origem do preconceito social, levando o ser humano a rejeitar aquilo que desconhece, e que a discriminação é uma consequência da falta de contacto com outros grupos e culturas. Esta hipótese refere que o contacto produz mudanças positivas nas atitudes e no comportamento, mas não especifica os processos responsáveis pelos efeitos positivos ou como estes se generalizam. De acordo com a teoria de Allport, e com o objetivo de reduzir o preconceito entre membros de diferentes grupos, eles precisam de estabelecer contacto e saber interagir no mesmo ambiente. Assim, o contacto entre grupos, ao proporcionar experiências positivas, acentua a perceção de semelhança entre os membros de grupos diferentes, e a perceção de semelhança gera, por sua vez, a atração entre eles, o que conduz à desconstrução de estereótipos negativos, resultando na mudança de comportamentos e atitudes para com esse grupo. A sensibilidade intercultural representa, assim, uma das competências de comunicação mais importantes, por capacitar os seres humanos a viverem e trabalharem com pessoas de origens culturais diversas.

Nesse sentido, o estudo da sensibilidade intercultural é importante na formação de profissionais, de forma a que estes lidem com os desafios da interculturalidade, e programas como o ERASMUS podem promover maior sensibilidade intercultural entre estudantes, pelo que avaliar essa sensibilidade pode contribuir para desenvolver ações psicoeducativas que melhorem as competências de comunicação em contextos interculturais. A importância da sensibilidade intercultural para uma comunicação eficaz entre pessoas de diferentes origens culturais tem sido estudada por especialistas de vários domínios (CHEN; STAROSTA, 1997; OLSON; KROEGER, 2001). A sensibilidade intercultural, uma competência considerada da maior importância para o êxito das relações interculturais em sociedades diversificadas, não se apresenta de forma instintiva e universal no comportamento humano, pelo que a educação para o desenvolvimento desta capacidade contribui para a expressão da diminuição do preconceito e dos conflitos interétnicos, bem como para o aumento da consciência de valores como a tolerância, o respeito ou a aceitação das diferenças interculturais, isto é, para a interculturalidade.

A questão das relações interculturais, que é foco de preocupações várias, tanto de profissionais de diferentes setores como da comunidade científica, é assim moldada por fatores culturais e psicossociológicos, que influenciam a percepção, a comunicação e a adaptação em contextos multiculturais. As interseções entre a comunicação intercultural e a psicologia intercultural trazem contributos importantes para o desenvolvimento de diferentes linhas de pesquisa, de intervenção e de métodos diferenciadores neste âmbito.

Neste sentido, as questões sobre a multiculturalidade e as relações interculturais necessitam de novas reflexões de cariz psicossocial, uma vez que são de extrema importância para a construção de uma cultura de diálogo e de paz, sobretudo nos setores que envolvem a gestão da diversidade e da comunicação intercultural, como é o caso das instituições de ensino superior. Pretendeu-se, assim, neste trabalho, investigar o nível de sensibilidade intercultural de estudantes de ensino superior, perceber quais as variáveis moderadoras do desenvolvimento desta competência e compreender de que forma estes resultados contribuem para o aprofundamento da temática da psicossociologia das relações e da comunicação intercultural.

Sensibilidade intercultural no ensino superior

A elevada mobilidade e os contactos entre culturas devido à migração, aos negócios, à educação, à Internet e aos intercâmbios internacionais tornam o estudo das relações interculturais fundamentalmente importante, sendo a competência intercultural cada vez mais reconhecida como uma capacidade central para o século XXI (BLESZYNSKA, 2008; RAMOS, 2013, 2014, 2015, 2016, 2023).

No contexto educacional português, dados recentes mostram um aumento significativo de estudantes estrangeiros, sendo que do total de inscritos no ensino superior em 2022/2023, 17% eram estrangeiros (74.597), 24% correspondendo a estudantes abrangidos por programas de mobilidade internacional, como é o caso do Programa ERASMUS (RAMOS et al., 2025). Segundo a OCDE, o número de alunos imigrantes nas escolas portuguesas aumentou 160% nos últimos cinco anos, representando 187 nacionalidades (OCDE, 2024).

A interculturalidade enquanto premissa da internacionalização da educação é um desafio para as instituições de ensino superior, que, centradas em múltiplos objetivos, pretendem que o intercâmbio de experiências de estruturas curriculares possibilite a construção de fluxos de conhecimentos, cuja sinergia acumulada pelas trajetórias universitárias distintas

possa resultar em diálogos interculturais e processos comunicacionais enriquecedores entre diferentes modos de ser, sentir e agir no mundo contemporâneo. A oportunidade de viver no estrangeiro e noutra cultura através do programa ERASMUS aumenta a consciência e a aquisição de competências de comunicação intercultural, assim como promove a compreensão de outras pessoas e culturas. Esta experiência permite, entre outras coisas, que os estudantes compreendam as dificuldades que os imigrantes enfrentam quando interagem com os nacionais do país de acolhimento, na maioria dos casos numa língua não materna, o que salienta a importância de desenvolver a sensibilidade intercultural, não apenas como estudante em mobilidade, mas também como membro da cultura anfitriã. Os benefícios do desenvolvimento de relações e competências interculturais entre estudantes são, assim, amplamente reconhecidos, e muitos estudos têm sublinhado a importância da interação e comunicação entre estudantes, por facilitar o ajustamento académico e sociocultural positivo dos estudantes internacionais e a aprendizagem intercultural para ambos os grupos (RAMOS, 2007, 2016, 2023).

Contudo, vários estudos (Nguyen, 2023; Taniguchi et al., 2025) demonstram que, independentemente do país de acolhimento, os estudantes nacionais e internacionais não interagem espontaneamente e que qualquer tipo de relacionamento, como a amizade, é difícil de desenvolver e consolidar-se. Assim, se, por um lado, é importante incrementar políticas e estratégias institucionais que promovam interações interculturais, por outro, também há um reconhecimento crescente, em todo o setor do ensino superior, da necessidade de realizar pesquisas que explorem a autodeterminação, os objetivos e a motivação dos estudantes em interações com o ambiente, isto é, com foco específico nas relações dinâmicas entre as dimensões individual (psicológicas) e ambiental (educacionais e culturais). Conhecimentos da psicologia intercultural contribuem para a orientação de sistemas e processos educacionais com vista a que os indivíduos estejam mais bem equipados com as competências necessárias para estudarem e conviverem no meio da crescente diversidade (RAMOS, 2015, 2023). Desta forma, a compreensão de como as construções individuais, *e.g.*, a motivação ou os objetivos de interação, e ambientais, *e.g.*, a mobilidade estudantil ou as políticas e estratégias destinadas a promover interações interculturais, são vivenciadas é fundamental para um maior aprofundamento do desenvolvimento de relações interculturais e, por sua vez, para o estabelecimento de uma base empírica que possa ser usada para garantir que as instituições de ensino promovam contextos mais facilitadores para interações e aprendizagens interculturais.

Neste sentido, é importante o estudo destas interações dinâmicas entre as dimensões individuais e ambientais no desenvolvimento de relações interculturais entre estudantes internacionais e nacionais em ambientes universitários, com vista a analisar quais os fatores que contribuem para a promoção de relações interculturais harmoniosas. A interação cultural por meio da mobilidade tem sido reconhecida como um campo significativo de pesquisa em diferentes áreas de estudo, sendo reconhecidos benefícios educacionais e sociais, como a aquisição de novos conhecimentos interculturais e sensibilidade e competências entre os alunos de origem e a comunidade em geral. O interesse pela problemática da mobilidade de estudantes universitários em ERASMUS, por si só, é relativamente recente, embora seja foco de atenção de uma quantidade expressiva de pesquisas e estudos académicos em alguns países europeus (MURPHY-LEJEUNE, 2002; BALÁŽ; WILLIAMS, 2005; KEHM; TEICHLER, 2007). A geração ERASMUS desempenha um papel fundamental na psicossociologia das relações,

fomentando ambientes mais inclusivos e colaborativos, dentro e fora das universidades, e constituindo importantes agentes de transformação pessoal, cultural e educacional.

De acordo com diversos estudos, o programa de mobilidade ERASMUS permite aos estudantes adquirir competências pessoais e profissionais transversais, nomeadamente competências cognitivas, habilidades linguísticas e académicas (MAGNAN; BLACK, 2008), consciência intercultural (LANGLEY; BREESE, 2005), autoconfiança (MILSTEIN, 2005), promoção de carreira a longo prazo (Franklin, 2010), e, em matéria de comunicação, promove o diálogo e o relacionamento intercultural. Pesquisas sobre programas de mobilidade estudantil mostram ainda que estes contribuem para a diminuição do etnocentrismo (Bennett, 2004), para a aquisição de uma segunda língua (KINGINGER, 2011) e para o desenvolvimento de pensamento crítico (NGUYEN, 2012), da competência intercultural e da sensibilidade intercultural dos estudantes (GUTIÉRREZ; MARTÍNEZ; LLAVADOR, 2015).

Da revisão bibliográfica, destacam-se, neste sentido, estudos que analisam a promoção do contacto com outras culturas através do programa ERASMUS e avaliam o nível de sensibilidade intercultural. De forma geral, a maioria das investigações corrobora a ideia de que os estudantes com maiores vivências de experiências interculturais evidenciam maiores níveis de sensibilidade intercultural (PARK, 2013; PENG, 2006; TAMAM, 2010; RUIZ-BERNARDO, 2012; ARRIAGA-ARRIZABALAGA, 2013; SANTANDER RAMIREZ; GARCIA; SANHUEZA, 2015; VELASCO, 2018; GONZÁLEZ-MARTÍNEZ; REYES-LOPEZ, 2019). Anderson et al. (2006) referem que mesmo as experiências de estudo no exterior de curto prazo podem ter um impacto positivo na sensibilidade intercultural. Além disso, pesquisas com adolescentes (PARK, 2013) e estudantes universitários (PENBEK; ŞAHIN; CERIT, 2012) evidenciam que as experiências internacionais e multiculturais estão associadas positivamente com a sensibilidade intercultural. Para Hammer et al. (2003), uma maior sensibilidade intercultural está associada a um maior potencial para o exercício da competência intercultural.

Ainda relativamente à sensibilidade intercultural, atendendo à literacia cultural, o estudo comparativo de Williams (2005) confirma que os estudantes que estudaram no exterior exibiram uma maior mudança nas habilidades de comunicação intercultural comparativamente aos que permaneceram no *campus*. Penington e Wildermuth (2005) relatam que existe uma correlação entre a participação no programa de estudos no exterior e o aumento do nível de consciência cultural. Zhang (2015) correlaciona positivamente a aquisição de vocabulário cultural com o nível de sensibilidade intercultural, e os estudos de Anderson et al. (2006) referem um impacto positivo sobre a sensibilidade intercultural e o aumento significativo na adaptabilidade e tolerância interpessoal.

Considerar a sensibilidade intercultural como algo que requer determinadas características pessoais levanta a questão de como ela pode ser desenvolvida a partir destas características. Assim, relativamente ao impacto das variáveis sociodemográficas e psicossociais na sensibilidade intercultural, Neto (2002, apud PHYNNNEY et al., 1998) refere que tem sido prestada relativamente pouca atenção às características individuais que afetam as percepções da discriminação, sugerindo para o efeito a personalidade, enquanto perspetiva atribucional, e o nível de aculturação, a competência linguística e o sexo, enquanto perspetiva sociocultural, como abordagens fundamentais para uma melhor compreensão deste fenómeno. Pesquisas nesta área indicam que as características individuais facilitadoras de sensibilidade intercultural são o sexo, a competência linguística, ou plurilinguismo, o estatuto

socioeconómico, a nacionalidade, o nível de escolaridade, a orientação religiosa e a experiência prévia de imersão noutra cultura, como preditores de atitudes etnorelativas (SAYED; TEYSSIER; DENOUX; COSTA-FERNANDEZ, 2020; BAÑOS, 2006).

Segundo alguns autores, dentro dos fatores promotores da sensibilidade intercultural, podemos encontrar o sexo (HOLM; NOKELAINEN; TIRRI, 2009; PETROVIĆ; ZLATKOVIĆ, 2009; SEGURA-ROBLES; PARRA-GONZÁLEZ, 2019), a experiência prévia no exterior, isto é, programas de estudo, intercâmbio e viagens (OLSON; KROEGER, 2001; STRAFFON, 2003; WILLIAMS, 2005; GORDON; MWAVITA, 2018; YURUR; KOC; TASKIN; BOZ, 2018), e a proficiência de língua estrangeira (OLSON; KROEGER, 2001; PAIGE; JACOBS-CASSUTO; YERSHOVA; DEJAEGHERE, 2003).

Engle e Engle (2004) concluíram que aprender uma língua estrangeira aumenta a probabilidade de desenvolver maior abertura e sensibilidade intercultural em relação a outras culturas. Fantini (2000) realça a importância da proficiência linguística na interação intercultural, afirmando que os estudantes nunca serão capazes de compreender completamente a “outra” cultura enquanto não falarem e compreenderem a língua nativa da mesma.

Ainda relativamente à sensibilidade intercultural, atendendo à intencionalidade da exposição a outros países e culturas, Langley e Breese (2005) concluem que a manifestação do desejo real de estudar no estrangeiro pode contribuir para um elevado nível de conhecimentos e habilidades interculturais.

No que respeita à variável Internet e redes sociais, Li et al. (2020) realizaram um estudo empírico sobre a sensibilidade intercultural utilizando a realidade virtual, do qual se destacaram a apreciação das diferenças culturais, a atitude de ouvir com respeito, a aceitação positiva da outra língua/dialecto e a valorização das semelhanças. Assim, os autores concluem que os estudantes apresentam competências de comunicação intercultural não apenas pela interação direta, mas principalmente pelas redes sociais, pelo que referem a necessidade de investigar a sensibilidade intercultural na comunidade multicultural *online*. Segundo os autores, o benefício da tecnologia digital gera oportunidades de envolvimento na comunidade intercultural *online*, ao mesmo tempo que proporciona uma aprendizagem autónoma e promove a sensibilidade intercultural.

A literatura indica existir uma relação positiva entre a experiência de contacto promovida pela mobilidade ERASMUS e algumas variáveis sociodemográficas e psicossociais no desenvolvimento da sensibilidade intercultural, o que contribui para uma adaptação cultural bem-sucedida destes estudantes. De acordo com Chen e Starosta (2000), indivíduos com sensibilidade intercultural adaptam-se melhor em realidades culturais distintas, pelo que é imperativo o desenvolvimento desta competência. Assim, considerando que a sensibilidade intercultural representa a dimensão afetiva da competência de comunicação, relacionada com a aceitação, o reconhecimento e o respeito pelas diferenças culturais, a exposição através do contacto com outras culturas poderá contribuir para a redução da perceção das diferenças interculturais.

Assim sendo, porque é que algumas pessoas comunicam e se relacionam melhor em contexto plural, ou porque é que algumas pessoas são mais sensíveis do que outras do ponto de vista intercultural? A revisão bibliográfica aponta para a presença de algumas variáveis moderadoras na experiência de contacto promovida pela mobilidade ERASMUS no desenvolvimento de sensibilidade intercultural, o que contribui para uma adaptação cultural bem-sucedida destes estudantes (MELLIZO, 2017; RODRÍGUEZ-IZQUIERDO, 2022). Neste

sentido, e tendo em conta os objetivos do presente estudo, organizaram-se as hipóteses em torno de algumas variáveis sociodemográficas e psicossociais, tais como o género, o grau académico, o nível de literacia cultural, a exposição prévia a outras culturas, a proficiência linguística, a motivação e a intencionalidade da exposição a outros países e culturas.

Metodologia

Esta investigação teve como principal objetivo a análise do nível de sensibilidade intercultural em estudantes do ensino superior e a investigação de questões alusivas à interação com indivíduos de outras culturas, nomeadamente a sua relação com variáveis que podem predizer o desenvolvimento da sensibilidade intercultural.

O tipo de estudo desenvolvido foi de natureza quantitativa e exploratória, cuja recolha de dados decorreu de forma *online*, entre abril e maio de 2021.

O número de participantes foi determinado pelo número de respostas obtidas nos questionários realizados através do Google Forms, obtendo-se a participação de 97 estudantes de nacionalidade portuguesa. Dos participantes qualificados, 39 frequentaram o programa ERASMUS e 58 não o frequentaram. A idade dos mesmos está compreendida entre os 19 e os 37 anos, sendo a média etária de 21,61 anos. Verificou-se uma predominância de participantes do género feminino (n=55), com o grau académico superior a licenciatura (n=77), e de participantes com proficiência linguística igual ou superior a uma língua (n=74).

Instrumentos de recolha de dados

Para atingir o objetivo da pesquisa, foram adotados dois instrumentos de recolha de dados. Relativamente aos dados sociodemográficos e psicossociais, foi elaborado um questionário composto por 15 questões, de modo a aferir dados como o género, o grau académico, a literacia cultural, o nível de competência linguística, a exposição prévia a outros países e culturas, bem como a motivação para a intencionalidade à exposição a outros países e culturas. Para avaliar o nível de sensibilidade intercultural, foi utilizada a Escala de Sensibilidade Intercultural de Chen e Starosta (2000), traduzida para a língua portuguesa por Gonçalves (2010) e amplamente adotada na avaliação da sensibilidade intercultural de indivíduos em muitos países ($\alpha = 0,88$ de Cronbach), que inclui 24 itens, respondidos numa escala tipo Likert, de 1 (Totalmente em desacordo) a 5 (Totalmente de acordo).

Procedimentos

A recolha de dados foi realizada *online*, e os estudantes receberam um *e-mail* com informação sobre os objetivos do estudo, que atendeu aos valores éticos exigidos em pesquisas com seres humanos e respeitou os princípios fundamentais contidos na Declaração de Helsínquia. A investigação obedeceu também aos princípios éticos que regulam a APA (2017) e às diretrizes em matéria de investigação e de proteção de dados da OPP (2016). Foi solicitado o consentimento informado e fornecido o *link* para acesso aos instrumentos, sendo igualmente garantidos a confidencialidade e o anonimato na recolha, no tratamento e na análise dos dados.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado utilizando o programa de análise estatística IBM© SPSS© (versão 27), e com ele foram feitas as análises descritivas e inferenciais, usando o teste de Levene para testar o pressuposto de homogeneidade das variâncias. Avaliámos a adesão das variáveis à distribuição normal usando o teste de

Kolmogorv-Smirnov e o teste de Shapiro-Wilk. Para as comparações e relações entre as variáveis, utilizámos os testes paramétricos e os não paramétricos, testes *t* e da correlação de Spearman.

Resultados

Verificou-se, nesta investigação, a existência de níveis de sensibilidade intercultural tendencialmente elevados em toda a amostra e suas dimensões. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores que referem que o contexto multicultural contribui significativamente para o aumento do nível de sensibilidade intercultural de estudantes e que quanto mais frequentemente alguém comunica mais confiante se torna na interação. A confiança na interação, o respeito pelas diferenças culturais e a satisfação na interação são as dimensões que apresentam as melhores pontuações. A amostra mostrou um valor médio de sensibilidade intercultural total igual a 95.87 (*DP* = 8.44) no que toca às diferentes dimensões de sensibilidade intercultural. Os indivíduos exibiram uma média: de envolvimento nas interações igual a 27.71 (*DP* = 3.08); de respeito pelas diferenças culturais igual a 25.25 (*DP* = 2.98); de confiança nas interações igual a 18.30 (*DP* = 3.00); de satisfação com as interações igual a 12.72 (*DP* = 1.96); e, por último, de atenção nas interações igual a 11.55 (*DP* = 1.67). Variando as pontuações totais possíveis entre 24 e 120 (ponto médio = 72) para a escala total, entre sete e 35 (ponto médio = 21) para o envolvimento nas interações, entre seis e 30 (ponto médio = 18) para o respeito pelas diferenças culturais, entre cinco e 25 (ponto médio = 15) para a confiança nas interações, e entre três e 15 (ponto médio = 9) para a satisfação com as interações e para a atenção nas interações, os valores médios apresentados pela amostra indicam que os estudantes participantes apresentaram níveis médios tendencialmente elevados de todas as dimensões, bem como do total, de sensibilidade intercultural.

Sensibilidade intercultural atendendo à participação no programa Erasmus

O grupo de participantes no programa Erasmus apresenta níveis mais elevados de confiança na interação, embora não se tenha observado diferenças entre os dois grupos ao nível de nenhuma dimensão da Escala de Sensibilidade Intercultural. Os testes *t* revelaram que os estudantes que já tinham participado neste programa apresentam níveis significativamente mais elevados de confiança nas interações ($M = 19.03$, $DP = 2.31$) relativamente àqueles que nunca tinham participado neste programa ($M = 17.81$, $DP = 3.32$), $t(94) = 2.12$, $p = .037$. Como principal análise, constatou-se que o grupo de participantes de Erasmus demonstrou um nível mais elevado de sensibilidade intercultural. De forma geral, esta tendência manteve-se válida para todos os cinco componentes do Índice da Escala de Sensibilidade Intercultural: “Respeito pelas diferenças culturais”, “Confiança na interação”, “Envolvimento na interação”, “Atenção na interação” e “Satisfação na interação”. Estes resultados podem dever-se ao facto de os indivíduos que optam por tal experiência demonstrarem já um maior nível de consciência das diferenças culturais, conforme a tabela 1.

Tabela 1. Sensibilidade intercultural por participação no programa de mobilidade Erasmus

	Participou em Erasmus		Não participou em Erasmus		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	96.72	7.52	95.26	9.07	-0.82	.414	-0.17
Envolvimento na interação	28.00	2.90	27.51	3.21	-0.76	.449	-0.16
Respeito pelas diferenças culturais	25.18	12.97	25.30	12.54	-0.31	.754	-0.07
Confiança na interação	19.03	2.31	17.81	3.32	-2.12	.037	-0.41
Satisfação na interação	12.97	1.87	12.54	2.01	1.06	.292	0.22
Atenção na interação	11.54	1.71	11.56	1.65	0.07	.948	0.01

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Sensibilidade intercultural atendendo ao nível de educação intercultural e competências linguísticas

Os estudantes que relataram conhecer o conceito de *interculturalidade* exibiram níveis mais elevados de confiança na interação. Os estudantes que relataram conhecer o conceito de *multiculturalidade* e os que relataram não o conhecer exibiram níveis semelhantes em todas as dimensões da Escala de Sensibilidade Intercultural. Ao nível de competências linguísticas, não se verificou existirem associações entre o número de línguas faladas e nenhuma dimensão da Escala de Sensibilidade Intercultural, conforme as tabelas 2, 3 e 4.

Tabela 2. Sensibilidade intercultural por conhecimento do conceito de *interculturalidade*.

	Sabe o que é a interculturalidade		Não sabe o que é a interculturalidade		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	96.88	7.85	94.59	9.07	-1.31	.194	-0.27
Envolvimento na interação	28.02	2.93	27.33	3.25	-1.08	.285	-0.22
Respeito pelas diferenças culturais	25.43	2.85	25.02	3.17	-0.67	.505	-0.14
Confiança na interação	18.91	2.65	17.56	3.25	2.07	.042	0.42
Satisfação na interação	12.83	1.80	12.57	2.15	0.47	.643	0.10
Atenção na interação	11.70	1.74	11.37	1.57	-0.95	.343	-0.20

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos.

Tabela 3. Sensibilidade intercultural por conhecimento do conceito de *multiculturalidade*.

	Sabe o que é a multiculturalidade		Não sabe o que é a multiculturalidade		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	95.82	7.86	96.05	10.41	0.09	.927	0.03
Envolvimento na interação	27.86	25.08	27.23	3.74	-0.84	.401	-0.21
Respeito pelas diferenças culturais	25.08	3.01	25.82	2.89	1.02	.312	0.25
Confiança na interação	18.36	2.78	18.09	3.71	-0.06	.956	-0.01

Satisfação na interação	12.65	2.00	12.95	1.83	-0.70	.487	-0.17
Atenção na interação	11.58	1.73	11.45	1.47	0.69	.493	0.17

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Tabela 4. Sensibilidade intercultural por número de línguas faladas.

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.
Número de línguas faladas	–						
Total de sensibilidade intercultural	.07	–					
Envolvimento na interação	.02		–				
Respeito pelas diferenças culturais	-.05			–			
Confiança na interação	.07				–		
Satisfação na interação	.06					–	
Atenção na interação	.16						–

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos.

Sensibilidade intercultural atendendo ao género e grau académico

Nesta amostra, as mulheres apresentaram uma maior sensibilidade intercultural comparativamente aos homens, demonstrando um aumento dos níveis nas dimensões da Escala de Sensibilidade Intercultural relativamente ao respeito pelas diferenças culturais e à satisfação na interação. Quanto à variável grau académico, esta correlacionou-se de forma inversa, o que significa que os estudantes de licenciatura apresentam níveis mais elevados de respeito pelas diferenças culturais relativamente aos estudantes de mestrado e doutoramento, conforme as tabelas 5 e 6.

Tabela 5. Sensibilidade intercultural por género.

	Género masculino		Género feminino		<i>t</i>	<i>P</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	94.69	79.43	96.72	7.62	-1.15	.255	-0.24
Envolvimento na interação	27.43	3.43	27.93	2.81	-0.76	.452	-0.16
Respeito pelas diferenças culturais	24.39	3.11	25.89	2.75	-2.50	.014	-0.52
Confiança na interação	18.34	3.31	18.27	2.78	-0.29	.771	-0.06
Satisfação na interação	12.17	2.40	13.13	1.44	-2.27	.027	-0.50
Atenção na interação	11.52	1.63	11.57	1.71	-0.15	.884	-0.03

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Tabela 6. Sensibilidade intercultural por estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento.

	Licenciatura		Mestrado/Doutoramento		<i>T</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	96.46	7.40	94.70	10.64	0.91	.367	0.21
Envolvimento na interação	27.76	3.03	27.63	3.31	0.18	.858	0.04

Respeito pelas diferenças culturais	25.57	2.98	24.22	2.78	2.02	.046	0.46
Confiança na interação	18.24	2.78	18.70	3.21	-0.70	.485	-0.16
Satisfação na interação	12.82	1.97	12.46	1.99	-0.78	.436	-0.18
Atenção na interação	11.57	1.72	11.57	1.57	-0.01	.991	-0.01

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Sensibilidade intercultural atendendo à exposição prévia a outros países e culturas

O grupo que já viveu fora de Portugal apresentou níveis mais altos de confiança na interação relativamente ao grupo que nunca o fez, não se tendo verificado diferenças entre estes dois grupos ao nível de mais nenhuma dimensão de SI (tabela 7).

Tabela 7. Sensibilidade intercultural por estudantes que já viveram fora de Portugal e pelos que nunca viveram fora do país.

	Já viveu fora de Portugal		Nunca viveu fora de Portugal		<i>t</i>	<i>P</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	97.25	8.88	94.63	7.91	-1.50	.136	-0.31
Envolvimento na interação	28.23	3.20	27.26	2.93	-1.53	.129	-0.32
Respeito pelas diferenças culturais	25.25	2.95	25.25	3.04	-0.01	.992	-0.01
Confiança na interação	19.02	2.95	17.69	2.93	2.35	.021	0.48
Satisfação na interação	13.00	1.95	12.48	1.95	1.45	.151	0.30
Atenção na interação	11.75	1.66	11.38	1.67	-1.07	.287	-0.22

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos.

Sensibilidade intercultural atendendo à intencionalidade da exposição a outros países e culturas

Não existiram diferenças ao nível de nenhuma dimensão da sensibilidade intercultural entre quem gostaria e quem não gostaria de viver ou trabalhar noutro país. Por outro lado, quem utiliza a Internet para compreender outras culturas manifestou níveis mais altos de total sensibilidade intercultural, envolvimento na interação e satisfação na interação, comparativamente a quem não utiliza a Internet para compreender outras culturas, conforme as tabelas 8 e 9.

Tabela 8. Sensibilidade intercultural entre estudantes que gostariam e não gostariam de viver/trabalhar noutro país.

	Gostaria de viver/trabalhar noutro país		Não gostaria de viver/trabalhar noutro país		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	96.58	7.31	94.15	10.68	-1.26	.210	-0.29
Envolvimento na interação	27.94	2.85	27.15	2.57	-1.13	.261	-0.26

Respeito pelas diferenças culturais	25.59	2.43	24.43	3.97	-1.44	.159	-0.39
Confiança na interação	18.34	2.90	18.21	3.28	0.01	.991	0.01
Satisfação na interação	12.93	1.61	12.21	2.59	1.31	.195	0.29
Atenção na interação	11.62	1.70	11.39	1.59	-0.60	.551	-0.13

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Tabela 9. Sensibilidade intercultural entre estudantes que utilizam e os que não utilizam a Internet para compreender outras culturas.

	Utiliza a Internet para compreender outras culturas		Não utiliza a Internet para compreender outras culturas		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	97.05	8.50	91.55	6.77	-2.67	.009	-0.67
Envolvimento na interação	28.12	3.06	26.20	2.71	-2.55	.012	-0.64
Respeito pelas diferenças culturais	25.42	2.95	24.60	3.10	-1.10	.276	-0.28
Confiança na interação	18.49	3.12	17.60	2.44	1.42	.158	0.36
Satisfação na interação	12.93	1.98	11.95	1.69	2.29	.025	0.56
Atenção na interação	11.68	1.53	11.10	2.05	-1.43	.156	-0.35

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos.

Verificou-se igualmente que quem gostaria de acolher estudantes de outros países apresentou níveis mais altos em praticamente todas as dimensões de sensibilidade intercultural, comparativamente a quem não gostaria de o fazer (conferir tabela 10).

Tabela 10. Sensibilidade intercultural entre estudantes que gostariam e os que não gostariam de acolher estudantes de outros países.

	Gostaria de acolher estudantes de outros países		Não gostaria de acolher estudantes de outros países		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	96.87	7.98	88.45	8.43	-3.26	.002	-1.05
Envolvimento na interação	28.09	3.01	25.17	2.29	-3.22	.002	-1.00
Respeito pelas diferenças culturais	25.54	2.78	23.38	3.64	-2.49	.015	-0.74
Confiança na interação	18.67	2.67	15.92	3.90	2.90	.005	0.86
Satisfação na interação	13.00	1.73	10.92	2.40	3.64	<.001	1.09
Atenção na interação	11.61	1.75	11.21	1.05	-0.82	.415	-0.24

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Não existiram diferenças ao nível de nenhuma dimensão da sensibilidade intercultural entre quem gostaria e quem não gostaria de participar em programas de intercâmbio, e, de igual forma, não existiram diferenças ao nível de nenhuma dimensão da sensibilidade intercultural entre quem recomenda e quem não recomenda a participação neste tipo de programas, conforme demonstram as tabelas 11 e 12.

Tabela 11. Sensibilidade intercultural entre estudantes que gostariam e os que não gostariam de participar em programas de intercâmbio.

	Gostaria de participar em programas de intercâmbio		Não gostaria de participar em programas de intercâmbio		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	96.03	8.24	95.26	9.39	-0.35	.727	-0.09
Envolvimento na interação	27.81	3.05	27.32	3.25	-0.63	.532	-0.16
Respeito pelas diferenças culturais	25.13	2.93	25.74	3.23	0.79	.430	0.20
Confiança na interação	18.26	2.99	18.47	3.12	-0.37	.713	-0.09
Satisfação na interação	12.71	2.01	12.74	1.76	0.02	.982	0.01
Atenção na interação	11.69	1.71	11.00	1.37	1.79	.077	0.46

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos.

Tabela 12. Sensibilidade intercultural entre estudantes que recomendam e os que não recomendam a participação em programas de intercâmbio.

	Recomenda a participação em programas de intercâmbio		Não recomenda a participação em programas de intercâmbio		<i>T</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	95.97	8.42	94.71	9.30	-0.38	.708	-0.15
Envolvimento na interação	27.75	3.08	27.29	3.25	-0.38	.705	-0.15
Respeito pelas diferenças culturais	25.27	3.01	25.00	2.77	-0.23	.819	-0.09
Confiança na interação	18.33	2.98	18.00	3.46	0.22	.827	0.09
Satisfação na interação	12.75	1.97	12.29	1.89	0.73	.465	0.29
Atenção na interação	11.51	1.67	12.14	1.68	-0.72	.474	-0.28

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Salientamos a importância da sensibilidade intercultural atendendo à intencionalidade da exposição a outros países e culturas, na qual destacamos, por um lado, a utilização da Internet e das redes sociais para compreender outras culturas e, por outro, a manifestação da vontade de acolhimento de estudantes oriundos de outros países e culturas, uma vez que conduziu a um aumento de praticamente todas as dimensões da escala de sensibilidade intercultural, nomeadamente ao nível do respeito pelas diferenças culturais, da confiança na interação, do envolvimento na interação e da satisfação na interação intercultural.

Sensibilidade intercultural atendendo à motivação para a intencionalidade da exposição a outros países

Não existiram diferenças ao nível de nenhuma dimensão da sensibilidade intercultural entre quem referiu que a sua principal motivação para viver noutra país era a cultura/aprendizagem e quem referiu que a sua principal motivação para viver noutra país era o salário/emprego, assim como não se verificaram diferenças ao nível da motivação para a intencionalidade da exposição a outros países e culturas, conforme a tabela 13.

Tabela 13. Sensibilidade intercultural entre estudantes que mencionam a cultura/aprendizagem e os que mencionam o salário/emprego como motivação para a intencionalidade de viver noutra país.

	Cultura/aprendizagem		Salário/emprego		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total de sensibilidade intercultural	97.42	8.04	96.46	7.03	0.52	.606	0.13
Envolvimento na interação	28.19	3.04	27.80	3.06	0.52	.605	0.13
Respeito pelas diferenças culturais	25.91	2.36	25.60	2.45	0.52	.605	0.13
Confiança na interação	17.91	3.24	18.89	2.26	1.12	.267	0.27
Satisfação na interação	13.03	1.64	12.86	1.52	-0.57	.569	-0.14
Atenção na interação	11.88	1.54	11.31	1.84	-1.22	.229	-0.30

Fonte: Elaboração a partir dos dados recolhidos

Considerações finais

A sensibilidade intercultural e a competência de comunicação intercultural, enquanto principais elementos da comunicação intercultural, contribuem para interações bem-sucedidas com pessoas culturalmente diferentes. Orientámos a nossa contribuição empírica para a realização de uma pesquisa cujos resultados acentuaram a utilidade dos instrumentos utilizados para a compreensão do tema em estudo e para a identificação de interseções entre a comunicação intercultural e a psicologia intercultural, de forma a extrair implicações para a teoria e para a educação.

Os resultados deste estudo revelam que o contacto com diferentes países e culturas contribui para a promoção de relações interculturais mais satisfatórias, verificando-se, ao nível das variáveis analisadas, um impacto positivo no desenvolvimento da sensibilidade intercultural. Salienta-se uma forte influência da intencionalidade da exposição a outros países e culturas nos níveis de sensibilidade intercultural dos estudantes. Destacamos a utilização da

Internet e das redes sociais para compreender outras culturas e a manifestação da vontade de acolhimento de estudantes oriundos de outros países e culturas, uma vez que conduziram a um aumento de praticamente todas as dimensões da Escala de Sensibilidade Intercultural, nomeadamente ao nível do respeito pelas diferenças culturais, da confiança na interação, do envolvimento na interação e da satisfação na interação intercultural. A intencionalidade da exposição a outros países e culturas, enquanto atitude ativa e que supera o etnocentrismo, abrindo caminho para o crescimento pessoal e relacional, transforma-se numa ferramenta poderosa para o desenvolvimento de competências interculturais e da capacidade de comunicação em contextos multiculturais. No entanto, o contacto e a experiência por si só, sem reflexão crítica e diálogo estruturado e mediado, para ampliação da consciência relacional, não garantem aprendizagem, envolvimento emocional, transformação identitária ou a mobilização de competências comunicativas, emocionais, cognitivas e sociais, o que influencia as diferentes dimensões da sensibilidade intercultural. Desta forma, as principais conclusões deste estudo são especialmente úteis ao nível teórico, prático e psico-socio-educativo, uma vez que a sensibilidade intercultural é uma competência passível de desenvolvimento e treino transferível e aplicável a diferentes contextos multiculturais e de intervenção.

Referências bibliográficas

AGUADO, O. V.; BORRERO, M.A.F.; QUIÑONES, N.G.M.; SANTIAGO, M. F. La sensibilidad intercultural de la población joven andaluza. **Revista de Estudios de Juventud**, v.97, p.37-51, 2012. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5055137>

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Addison-Wesley Publishing Company, 1954. <https://archive.org/details/TheNatureOfPrejudice>.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct. 2017. <https://www.apa.org/ethics/code/ethics-code-2017.pdf#:~:text=This%20Ethics%20Code%20and%20information%20regarding%20the,occurring%20on%20or%20after%20the%20effective%20date>.

ANDERSON, P.; LAWTON, L.; REXEISEN, R.; HUBBARD, A. Short-Term Study Abroad and Intercultural Sensitivity. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 30, p.457-469, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.10.004>

ARRIAGA-ARRIZABALAGA, A. Indicadores de sensibilidad intercultural en el aula universitaria: Datos preliminares sobre una muestra de estudiantes y profesores en la Universidad Europea de Madrid. In M.C. CARDONA-MOLTÓ; E. CHINER-SANZ; A.V. GINER-GOMIS (Eds.), **Actas del XVI Congreso Nacional / II Internacional Modelos de Investigación Educativa de la AIDIPE**, pp. 896-904, 2013. https://www.uv.es/aidipe/congresos/Actas_XVI_Congreso.pdf

BALÁZ, V.; WILLIAMS, A. 'Been there, done that': international student migration and human capital transfers from the UK to Slovakia. **Population, Space and Place**, v.10, p. 217–237, 2004. <https://doi.org/10.1002/psp.316>

BAÑOS, R.V. La dimensión afectiva de la competencia comunicativa intercultural en la Educación Secundaria Obligatoria: escala de sensibilidad intercultural. **Revista de Investigación Educativa**, v. 24, n. 2, p. 353-372, 2006. <https://revistas.um.es/rie/article/view/96891>

BENNETT, M. Becoming interculturally competent. In J. WURZEL (Ed.), **Toward multiculturalism: A reader in multicultural education**, p. 62–77, 2004. Newton, MA: Intercultural Resource Corporation. https://www.idrinstitute.org/wp-content/uploads/2018/02/becoming_ic_competent.pdf

BLESZYNSKA, K. Constructing intercultural education. **Intercultural Education**, 2008. 19(6), p. 537-545. <https://doi.org/10.1080/14675980802568335>

CASTLES, S.; DE HAAS, H.; MILLER, M. The Age of Migration. **International Population Movements in the Modern World**. Palgrave Macmillan. 2014. <http://www.age-of-migration.com/uk/assets/pdfs/sample.pdf>

CHEN, G.-M. A review of the concept of intercultural sensitivity. **Human Communication**, v.1, p. 1-16, 1997. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED408634.pdf>

CHEN, G.-M.; STAROSTA, W. Intercultural Communication Competence: A Synthesis. **Annals of the International Communication Association**. V.19, n. 1, p. 353–383, 1996. <https://doi.org/abs/10.1080/23808985.1996.11678935>

CHEN, G.-M.; STAROSTA, W. **The Development and validation of the Intercultural Sensitivity Scale**. Réunion annuelle de la National Communication Association. Seattle, WA. Novembre, p.8-12, 2000. <https://eric.ed.gov/?q=CHEN%2c+G.-Ming+%26+STAROSTA%2c+W&id=ED447525>

CHEN, G.-M.; STAROSTA, W. **Foundations of Intercultural Communication**. Lanham, MD: University Press of America, 2005.

ENGLE, L.; ENGLE, J. Assessing Language Acquisition and Intercultural Sensitivity Development in Relation to Study Abroad Program Design. **Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad**, v.10, p. 219-236, 2004. <https://doi.org/10.36366/frontiers.v10i1.142>

FANTINI, A. A central concern: Developing intercultural competence. In A. E. FANTINI (Ed.), **SIT Occasional Paper Series: Addressing Intercultural Education**, Issue 1, 2000. <http://culturewise.ie/library/a-central-concern-developing-intercultural-competence/>

FRANKLIN, K. Long-term Career Impact and Professional Applicability of the Study Abroad Experience. **Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad**, v.19, n.1, p.169–191, 2010. <https://doi.org/10.36366/frontiers.v19i1.279>

GONÇALVES, S. **Acolher e ensinar estudantes internacionais**. Coimbra: CINEP-IPC, 2010.

FRITZ, W.; MÖLLENBERG, A.E.; CHEN, G. M. Measuring intercultural sensitivity in different cultural contexts. **Intercultural Communication Studies**, v.11, p.165-176, 2002.

GONZÁLEZ-MARTÍNEZ, E.; REYES-LOPEZ, C. (2019). Validation of intercultural sensitivity scale in Ecuadorian undergraduates. **Conference Paper 17th LACCEI International Multi-Conference for Engineering, Education, and Technology**, 2019. <https://doi.org/10.18687/LACCEI2019.1.1.162>

GORDON, S.; MWAVITA, M. Evaluating the international dimension in an undergraduate curriculum by assessing students' intercultural sensitivity. **Studies in Educational Evaluation**, v. 59, p. 76–83, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.stueduc.2018.03.005>

GUTIÉRREZ, G.; MARTÍNEZ, R.; LLAVADOR F. Identifying students' intercultural communicative competence at the beginning of their placement: towards the enhancement of study abroad programs. **Intercultural Education**, v. 26, n.1, p. 73-85, 2015. <https://doi.org/10.1080/14675986.2015.997004>

HAMMER, M.; BENNETT, M.; WISEMAN, R. Measuring intercultural sensitivity: the intercultural development inventory. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 27, p. 421-443, 2003. [https://doi.org/10.1016/S0147-1767\(03\)00032-4](https://doi.org/10.1016/S0147-1767(03)00032-4)

HOLM, K.; NOKELAINEN, P.; TIRRI, K. Relationship of gender and academic achievement to Finnish students' intercultural sensitivity. **High Ability Studies**, v. 20, n.2, p.187-200,2009. https://www.researchgate.net/publication/233080483_Relationship_of_gender_and_academic_achievement_to_Finnish_students'_intercultural_sensitivity

KEHM, B.; TEICHLER, U. Research on Internationalization in Higher Education. **Journal of Studies in International Education**, v.11, p. 260- 273, 2007. London, SAGE Publications. <https://www.learntechlib.org/p/70161/>

KINGINGER, C. Enhancing language learning in study abroad. **Annual Review of Applied Linguistics**, v.31, n.1, 58-73, 2011.<https://doi.org/10.1017/S0267190511000031>

LANGLEY, C.; BREESE, J. Interacting sojourners: A study of students studying Abroad. **The Social Science Journal**, v. 42, n. 2, p. 313-321, 2005. <https://doi.org/10.1016/j.soscij.2005.03.004>

LI, I., H.; WONG, Y.; LAM, W. An empirical study on using virtual reality for enhancing the youth's intercultural sensitivity in Hong Kong. **Journal of Computer Assisted Learning**, v. 36, n.5, p. 625–635, 2020. <https://doi.org/10.1111/jcal.12432>

MAGNAN, S.; BLACK, M. Social Interaction and Linguistic Gain During Study Abroad. **Foreign Language Annals**, v. 40, n.1, p. 43-61, 2007. <https://doi.org/10.1111/j.1944-9720.2007.tb02853.x>

MELLIZO J. Exploring intercultural sensitivity in early adolescence: a mixed methods study. **Intercultural Education**, v. 28, p. 571–590, 2017. <https://doi.org/10.1080/14675986.2017.1392488>

MILSTEIN, T. Transformation abroad: Sojourning and the perceived enhancement of self-efficacy. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 29, n. 2, p. 217–238, 2005. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.05.005>

MURPHY-LEJEUNE, E. **Student Mobility and Narrative in Europe: The New Strangers**. London: Routledge, 2002.

NETO, F. **Psicologia Intercultural**. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

NGUYEN, M. Study broad's contribution to critical and world citizenship. *Think*, v.11, p. 27-40, 2012. <https://doi.org/10.1017/s1477175612000097>

NGUYEN, P. **Capturing simultaneity: International students' connectedness and identity perceptions during the Covid-19 pandemic**, 2023.

<https://digital.library.adelaide.edu.au/bitstreams/2c1dbf50-40d2-434c-a454-760f7fd9cca2/download>

OCDE. Education at a Glance: OECD Indicators. Paris: OECD Publishing, 2024. https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2024_c00cad36-en

OIM. **World Migration Report 2022: Chapter 2**. 2023.

<https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022-chapter-2-portuguese#:~:text=As%20estimativas%20atuais%20indicam%20que,aqueles%20dentro%20da%20sua%20regi%C3%A3o.>

OLSON, C.; KROEGER, K. Global competency and intercultural sensitivity. **Journal of Studies in International Education**, v.5, n.2, p. 116–137, 2001.

<https://doi.org/10.1177/102831530152003>

ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES (OPP). **Código Deontológico**. 2016.

https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/web_cod_deontologico_pt_revisao_2016.pdf

PAIGE, R.; JACOBS-CASSUTO, M.; YERSHOVA, Y.; DEJAEGHERE, J. Assessing intercultural sensitivity: an empirical analysis of the Hammer and Bennett Intercultural

Development Inventory. **International Journal of Intercultural Relations**, v., 27, p. 467-486, 2003. [https://doi.org/10.1016/S0147-1767\(03\)00034-8](https://doi.org/10.1016/S0147-1767(03)00034-8)

PENBEK, S.; ŞAHIN, D. Y.; CERIT, A. G. Intercultural communication competence: A study about the intercultural sensitivity of university students based on their education and international experiences. **International Journal of Logistics Systems and Management**, v.11, n.2, p. 232-252, 2012. <https://doi.org/10.1504/IJLSM.2012.045425>

PENINGTON, B.; WILDERMUTH, S. Three weeks there and back again: A qualitative investigation of the impact of short-term travel/study on the development of intercultural communication competency. **Journal of Intercultural Communication Research**, v. 34, n.3, p. 166–183, 2005.

PERRY, L.; SOUTHWELL, L. Developing intercultural understanding and skills: Models and approaches. **Intercultural Education**, v. 22, n. 6, p. 453-466, 2011. https://www.researchgate.net/publication/241715245_Developing_Intercultural_Understanding_and_Skills_Models_and_Approaches

PETROVIC, D.; ZLATKOVIC, B. Intercultural sensitivity of future primary school teachers. **Compar. Educ. Teach. Train. Educ. Policy Soc. Incl.** v. 7, p.121–128, 2009. https://www.researchgate.net/publication/283122551_Intercultural_Sensitivity_of_Future_Primary_School_Teachers

POPE, A. **International Migrants Day**. United Nations. 2023. <https://www.un.org/en/observances/migrants-day>

RAMOS, M. C. P. Mobility, Internationalization, Higher Education: European Challenges. In Dima, A. (Coord.), **Trends in European Higher Education Convergence**, IGI Global, Hershey, PA, USA, p. 44-61, 2014. DOI: 10.4018/978-1-4666-5998-8.ch003

RAMOS, M. C. P.; RAMOS, N. Olhares e perspectivas sobre educação e imigração em Portugal: do Ensino Básico ao Ensino Superior. **Estudos Avançados**, v.39, n. 115, e39115315, p. 1-18, 2025. Doi:10.1590/s0103-4014.202539115.018

RAMOS, N. Comunicação, cultura e interculturalidade: Para uma comunicação intercultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v.35, n.2, p. 155-178, 2001. <http://hdl.handle.net/10400.2/5839>

RAMOS, N. Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 41, n.3, p. 223-244, 2007. <https://core.ac.uk/download/pdf/75980888.pdf>

RAMOS, N. Migração, Aculturação e Saúde. In RAMOS, N. (org.). **Saúde, Migração e Interculturalidade**. João Pessoa, EDUFPB, p. 45-96. 2008. <http://hdl.handle.net/10400.2/6831>

RAMOS, N. Educar para a interculturalidade e cidadania: princípios e desafios. *In* L. ALCOFORADO et al. **Educação e Formação de Adultos. Políticas, Práticas e Investigação**. Coimbra, Ed. da Universidade de Coimbra, p.189-200, 2011. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0228-8_16

RAMOS, N. Interculturalidade(s) e mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. *In* PINA, H.; MARTINS, F.; FERREIRA, C. (eds.) **The overarching issues of the European Space: strategies for spatial (re)planning based on innovation, sustainability and change**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, p.343-360, 2013. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/7707>

RAMOS, N. Conflitos interculturais no espaço europeu- Perspetivas de Prevenção e Intervenção. *In* **The overarching issues of the European space: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis**. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 225-245, 2014. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13207.pdf>

RAMOS, N. Mobilidades e Interculturalidades na Contemporaneidade: Psicologia e desafios do mundo contemporâneo. *In* GODIM, S.; BICHARRA, I., **A Psicologia e os desafios do mundo contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, p. 267-300, 2015.

RAMOS, N. Tecnologias digitais de informação e comunicação, interculturalidade e formação docente. **EDAPECI**, UFS, v.16, n.1, p. 9-30, 2016. <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/5206>

RAMOS, N. Mobilities, Communication and Intercultural Education: contemporary global challenges. **Cadernos de Pesquisa**, v.30, n.1, p. 391-411, 2023. <https://doi.org/10.18764.2178-2229v30n1.2023.17>

RODRÍGUEZ-IZQUIERDO, R. Exploring the Impact of Demographic Variables on Intercultural Sensitivity of University Students. **Filosofija Sociologija**, v.33, n.4, p. 361-371, 2022. <https://doi.org/10.6001/fil-soc.v33i4.4842>

RUIZ-BERNARDO, M. **Validación de un instrumento para el estudio de la sensibilidad intercultural en la provincia de Castellón**. [Tese de doctoramento]. 2012. Universitat Jaume I. <http://hdl.handle.net/10803/83300>

SANTANDER, V.; GARCIA, L.; SANHUEZA, S. La sensibilidad intercultural en estudiantes de las titulaciones de contador público e ingeniería comercial en Chile. *In* AIDIPE (Ed.), **Investigar con y para la sociedad**, v., n.1, p. 501-511, 2015.

SAYED, V.; TEYSSIER, J.; DENOUX, P.; COSTA-FERNANDEZ, E. Interculturation and intercultural sensitivity: implementation of the major concepts for a better management of cultural otherness. **Hellenic Journal of Psychology**, v.17, p. 139-158 2020. <https://doi.org/10.26262/hjp.v17i2.7851>

SEGURA-ROBLES, A.; PARRA-GONZÁLEZ, M. E. Analysis of Teachers' Intercultural Sensitivity Levels in Multicultural Contexts. **Sustainability**, v.11, n.11, 3137, 2019. <https://doi.org/10.3390/su11113137>

STRAFFON, D. Assessing the Intercultural Sensitivity of High School Students Attending an International School. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 27, p. 487–501, 2003. [https://doi.org/10.1016/S0147-1767\(03\)00035-X](https://doi.org/10.1016/S0147-1767(03)00035-X)

SUÁREZ-OROZCO, M.; QIN-HILIARD, D. **Globalization: Culture and education in the new millennium**. Berkeley, CA: University of California Press, 2004.

TAMAM, E. Examining Chen and Starosta's model of intercultural sensitivity in a multiracial collectivistic country. **Journal of Intercultural Communication Research**, v. 39, n.3, p.173-183, 2010. doi:10.1080/17475759.2010.534860

TANIGUCHI, N.; TAKAI, J.; IWAKI, N. The impact of study abroad social interactions on post-return relationships with international students: Japanese students' perceptions of recategorization. **Frontiers in Education**, 10, 1550969, 2025. [https://doi: 10.3389/educ.2025.1550969](https://doi:10.3389/educ.2025.1550969)

URRY, J. Mobile Sociology. **The British Journal of Sociology**, v. 61, n.1, p. 347-366, 2010. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1468-4446.2009.01249.x>

VELASCO, F. La Interculturalidad como competencia en educación superior. **Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria**, v.12, n.2, p.220-236, 2018. <https://doi.org/10.19083/ridu.2018.729>

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v.30, n.6, p.1024-1054, 2007. <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

WILLIAMS, T. Exploring the impact of study abroad on students' intercultural communication skills: adaptability and sensitivity. **Journal of Studies in International Education**, n.9, p. 356–371, 2005. <https://doi.org/10.1177/1028315305277681>

YURUR, S.; KOC, E.; TASKIN, C.; BOZ, H. Factors influencing intercultural sensitivity of hospitality employees. **Int. J. Hosp. Tour. Adm.**, v.22, p. 26–44, 2018. <https://doi.org/10.1080/15256480.2018.1547236>

ZHANG, Z. A Study on the Correlation between Intercultural Sensitivity and the Acquisition of Culturally Loaded Vocabulary in English. **Foreign Language Education**, v. 3, p. 60-63, 2015.